

O imaginário na literatura infantil

Odila Maria Ferreira Carvalho Mansur

Assessora Pedagógica da Faculdade de Medicina de Campos

Pedagoga, Mestre em Cognição e Linguagem (UENF-2001)

Professora do ISECENSA Normal Superior

Professora do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia

Resumo

Neste estudo, mostramos que a leitura das histórias infantis é desveladora do mundo. Estas suscitam o imaginário, respondem a perguntas, solucionam problemas (como as personagens fizeram...), permitem a descoberta do mundo, dos conflitos infames e soluções que todos vivenciamos.

Trata-se de, a cada momento, o leitor ir se identificando com uma personagem diferente, que corresponde ao momento que está sendo vivido por ele. Desta forma, nosso grande desafio é redescobrir a literatura infantil como elemento de construção individual e social, que possibilite à criança estabelecer um diálogo com a realidade, de forma prazerosa, através da ludicidade das histórias infantis, humanizando-se, sendo a linguagem portal do mundo.

Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Telefone: +55 (22) 2733.1414
Fax: +55 (22) 2722.9677
e-mail: isecensa@isecensa.com.br

Palavras-chave

literatura - imaginário - resolução de conflitos

The imaginary in the childhood literature

Odila Maria Ferreira de Carvalho Mansur

Pedagoga, Master in Cognition and Language (UENF)

Teacher of Normal Superior (ISECENSA)

Teacher and Pedagoga of the College of Medicine Campos - RJ

Abstract

In this study we wish to point out that this childhood, known up to present time as a well defined period in one's lifetime, innocent and protected by society, is facing a crisis.

We are emphasizing the importance of one's imaginary and poetic aspects in the developing of reality. We assumed that childhood is socially constructed period, and the child is an intelligent and creative being, having his/her own *logos*, able of going multiple readings of the world, of seeing beyond the surface of the things and able to building a new inner *templum*. The literature of the end of century, written for children, contributes for the humanization and his/her reflexive insertion in social life. And his process of knowing and organizing the real world is mediated by language – the world's portal.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2733.1414
Fax: +55 (22) 2722.9677
e-mail: isecensa@isecensa.com.br

Key works:

literature – imaginary – resolution of crisis

A magia da literatura

O fim do século XX assiste a um reequilíbrio entre o imaginário e o real/racional. Para Bachelard (1965:46), “a função do irracional é psiquicamente tão útil quanto a função do real. Durante o dia, o homem constrói o real graças ao espírito científico, durante à noite, o homem sonha o imaginário”. Só recebemos realmente a imagem quando a admiramos.

O imaginário é a capacidade elementar de evocar uma imagem, de representar algo. “O imaginário é o perfume do real. Por causa do odor da rosa eu digo que a rosa existe”. (René Barbier). O imaginário radical, no sentido em que Castoriadis (1982:154), o utiliza é: “faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são (que não são dadas na percepção), ou nunca foram.”

A literatura não está nas palavras, ou na forma de agenciamento das palavras, mas em um conjunto de regras que subordinam às palavras a certa forma de comunicação. Então, enquanto discurso ou formação discursiva específica, podemos dizer que o que é próprio da literatura é o que Valéry denomina de “teatro mental”. Teatro mental é uma metáfora do discurso ficcional. Para Costa Lima (1986:93): “As alegorizações incessantemente criadas testemunham que todo produto humano documenta algo desconhecido e inesperado. O que-faço documenta não só o que-sei, mas também o que-desconheço.”

A irrealidade - se a irrealidade existir - não se situa apenas ao nível dos “seres” elencados. A definição que repousa sobre um postulado que reduz o fantástico pura e simplesmente a uma temática, seria verdadeiramente aceitável?

Mais imediatamente: que quer dizer “irreal” e com relação a que: um ser, um comportamento, uma situação, são aceitos como irrealis? Irrealis para nossa lógica?

Irrealis para determinado momento, espaço ou tempo? Haveria irreal absoluto, ou o irreal seria sempre relativo? O fantástico seria o irreal no sentido estético, daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, por fantasia de um espírito.

Para nós, fantástico não é, de modo algum, sinônimo de angustiante; pode existir um fantástico próprio para a infância, entendendo por isso não um fantástico artificialmente pré-fabricado para a infância, mas qualquer espécie de fantástico em que a criança encontra seu bem.

Se o fantástico é a fantasia no sentido mais etimológico do termo, a “fantasia” dos gregos, a criação de um espírito fantástico, a imagem entendida em sua acepção mais dinâmica, a imagem colocada, inventada por um espírito que se desvia dos processos normais, da visão comum, eis-nos numa pista que nos conduzirá à seguinte questão: o fantástico nasce da escolha de alguém, de um autor, se se tratar de um livro. É, então, por essência, o “subjetivo”, o que é próprio, particular, a tal ser, a tal momento.

Mas o que é o “irreal” na literatura? Seriam animais que falam, homens que voam ou voltam no tempo? Seria a presença de objetos que têm vida própria? Levando-se em conta essa presença de seres “irrealis”, existiriam contos não fantásticos? Em que sentido qualquer personagem de uma obra literária, fantástica ou não, seria, e ao mesmo tempo não seria, um ser “irreal”?

O irreal do fantástico seria mesmo um irreal? O fantástico nos tocaria, a obra fantástica encontraria leitores se não reunisse aspirações, necessidades, experiências que também trazemos em nós em graus diversos, talvez obscuros e semi-ignorados, mas, no entanto, bem reais?

Por exemplo: a narração “realista” descreve coisas que existem, que cada um pode ver. Na narração dita realista, um leão é um leão, enquanto uma menina é uma

menina. Uma e outra não coincidem, não se misturam intimamente ou como por evoluções. A criança pode tornar-se mais facilmente amiga de um animal que lhe fala, por trazer uma visão afetiva, animista e simbólica da vida, já que o animismo faz parte da vida infantil.

Assim, a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, liberar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e - resumindo tudo isso - transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos freqüentemente retomados pela ciência. O que não deixa de levantar muitos outros problemas: o fantástico seria irracional ou racional? Que relações estabelecer entre fantástico e ficção científica?

Cada um de nós retira do real seu próprio universo. Podemos perguntar: um pescador e um pintor, ao contemplar o mar, ao crepúsculo, vêem a mesma coisa? De certa maneira e, em resumo, produzo meu próprio real. Por isso mesmo, meu real é fantástico, assim como meu fantástico é real. Toda história, todo conto, toda lenda só age sobre a criança na medida em que o registro corresponde a seu mundo interior, a suas angústias e a suas necessidades.

Cada um vê um fato, um pormenor que provoca em si um eco, que responde a um desejo, a uma pulsão.

As personagens atraem ou repelem. Mas, além do mundo social, o conto permite a exploração do desconhecido. Suscita, concomitantemente, inquietação, porque os enigmas persistem, e apaziguamento, pela verificação de vínculos com o universo. Oferece o reflexo de nossa condição humana, de nossos conflitos internos entre desejo de aventura e aspiração à vida tranqüila, bem como da necessidade do racional que nos traz segurança.

Alimentar o imaginário da criança é desenvolver a função simbólica por meio de

textos, de imagens e de sons. Tal situação, frase, melodia provoca em nós uma ressonância, leva-nos a estar em comunidade com o outro, o nosso duplo, e confere uma dimensão universal ao que sentimos. E, ao mesmo tempo, guardamos a sensação de algo que nos ultrapassa e nos escapa. As iluminações de um instante deixam interrogações.

Não havendo na linguagem sentido único, é possível encontrarmos a magia das palavras, a fantasia no jogo de signos, fazendo a criança brincar com sua língua, tornando a palavra substância plástica e maleável, numa verdadeira festa de linguagem. Trata-se de colocar na palavra o máximo de potência imaginativa.

Ainda podemos pensar que, quando criamos ou produzimos livros infanto-juvenis, estamos nos relacionando, no concreto, enquanto adultos, com crianças concretas. Estamos agindo, da mesma forma que agem outros adultos: o médico, o terapeuta, o professor, o padre, os pais etc. Não estamos refletindo imagens de relacionamento. Estamos nos relacionando através de um objeto interposto: o livro.

A literatura, por não ter comprometimento com a realidade, mas com o real que ela mesma cria, é ficção e, por natureza, uma fantasia. Deste modo, estimula no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta, permite que vivencie novas situações, alargue os seus horizontes e torne-o mais capaz de enfrentar situações novas. Segundo Ana Maria Machado (Site do Professor: www.novaescola.com.br): “O bom texto é aquele que surpreende, que me deixa sem saber o que vem depois. A surpresa conseguida por meio de uma imagem, de uma situação diferente, de uma peripécia do enredo é um elemento fundamental em toda arte.”

Também pela literatura, são internalizadas as estruturas lingüísticas mais complexas, enriquecendo o desempenho lingüístico do falante. A leitura é de suma

importância no desenvolvimento do raciocínio lógico da criança. As relações entre linguagem e pensamento, há décadas, têm originado polêmicas entre lingüistas, psicólogos e pedagogos. O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos elementos lingüísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança. O seu crescimento depende do domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. Pensamento e linguagem formam um tecido, indissociável, e sofrem influências sócio-culturais.

A criança gosta do que é belo, pelo simples sentido da beleza e da fantasia. E o que caracteriza o texto literário, o que lhe confere literalidade, e o que o enriquece é ser espaço plural e aberto. A leitura é prazer, é fruição. Para que a criança chegue a ler, precisa ser estimulada nas suas capacidades cognitivas, de modo que a leitura não seja um mero decodificar de símbolos, mas um instrumento que lhe permita refletir, questionar, criar e re-criar a história e a si mesma.

Neste sentido, acreditamos ser de grande valor a literatura infantil, por que leva ao exercício da compreensão, como captação de um sentido, não único, mas das relações que existem entre a significação e a situação atual e histórica do leitor, já que “quem olha, olha de algum lugar”.

A criança necessita penetrar no seu universo interior, que é a sua “caverna” íntima. As histórias infantis podem ajudá-la a atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com este inconsciente, através de devaneios prolongados, pensando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história, em resposta a pressões inconscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. Nessa perspectiva, os contos de fadas têm um valor inigualável,

já que oferecem novas dimensões à imaginação da criança, o que não poderia descobrir verdadeiramente por si só, além de ajudá-la a resolver conflitos e enfrentar desafios.

A luta com o monstros internos, externada através das histórias, mostra-se com clareza na torcida que os pequenos ouvintes fazem pelos heróis. As crianças não aceitam o perdão à madrasta. Elas têm que vivenciar o mal na história e depois vencer, se livrar de seus próprios monstros. Só aí elaboram medos e ódios. Não é à toa que as crianças gostam tanto que o narrador repita as histórias ou passagens mais interessantes. Quando pedem para repetir é porque a história calou fundo, e elas estão elaborando seus problemas.

Como poderoso instrumento educativo, as narrativas podem ser contadas a ouvintes em qualquer idade. Engana-se quem pensa que só crianças formam a platéia atenta de histórias e contos. O conto alimenta a mente e o coração, por isso não tem idade.

Em geral, a leitura impressiona de modo diferente aquele que lê, se é feita na juventude ou na maturidade, ainda que as idéias, ações, valores e sentimentos possam ir se plantando mesmo que o leitor não se dê conta. Mas, na vida contemporânea, há tempo e espaço para leituras que sejam feitas como reflexão?

Levar algo da leitura para além do seu tempo, para além do momento mesmo em que se realiza aqui reside a dimensão de experiência que chamamos de libertadora. Por que? Por considerar como experiência o processo de leitura ou de escrita (o ato, a prática, a forma) que engrena uma “reflexão sentida” de um coração informado sobre aspectos fundamentais da vida humana; leitura compartilhada – ainda que seja com o autor – daquilo que se pensa, sente ou vive; leitura que provoca a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões

relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça.

Compreender a leitura desse modo traz, implícito, o reconhecimento da importância de certos valores menosprezados pela sociedade contemporânea – generosidade, solidariedade, coletividade, alteridade – enquanto se enfatiza o culto do indivíduo, de suas necessidades e de sua esperteza em levar vantagem, obter lucros pessoais e ganhos de poder.

Falamos de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que a leitura é partilhada e tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Busquemos a leitura da poesia, de textos que têm dimensão artística, não por erudição. Não é o acúmulo de informação sobre clássicos sobre gênero ou sobre estilos, escolas ou correntes literárias que torna a leitura uma experiência mas, sim, o modo de realização da mesma: a leitura deve ser capaz de provocar uma reflexão para além do momento em que acontece, ser capaz de ajudar a compreensão de quem sou e do mundo em que vivo.

No dizer de Nietzsche (in Roazen, 1973:160):

Todo grande indivíduo tem força retroativa, a totalidade da história é novamente sopesada por sua causa e há mil e um segredos do passado que emergem de seus esconderijos para a luz do seu Sol. Não há jeito de predizermos o que será ainda a história algum dia. Talvez o passado esteja, essencialmente, oculto! Muitas forças retroativas se fazem ainda necessárias.

Não vemos a leitura e a escrita como experiência, saída ou solução definitiva para nada. Nem nos parece que essa concepção exclua as demais. Apenas pensamos que pode ser formadora, ou seja, que pode contribuir no processo de constituição de sujeitos sociais que tenham valores e modos de agir que hoje parecem ultrapassados. Não estão nossas crianças e nossos jovens aprendendo a rir do outro, a humilhá-lo, a não se sensibilizar com sua dor? Estão sendo ou já foram lentamente desumanizados?

O tema provoca reflexões: pode-se prescindir de uma leitura crítica do mundo? Como manter a utopia e a esperança de justiça social, solidariedade e generosidade? Como combater a discriminação do outro, lutar pelo reconhecimento das diferenças de todos os tipos, a não ser atuando na direção contrária à dominação? A liberdade do diálogo está se perdendo ou se perdeu? Como recuperá-la ou refundá-la?

Mas trabalhar com linguagem, leitura e escrita pode ensinar a utopia, favorecer a ação numa perspectiva humanizadora, que convida a refletir, a pensar sobre o sentido da vida individual e coletiva. Essas questões remetem à responsabilidade social que temos, no sentido de provocar a auto-reflexão crítica, favorecendo situações nas quais se torne possível ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, de sua consciência coisificada, de sua indiferença pelo outro. É com essa meta que se justificam a leitura e a escrita.

Não podemos mais tratar da educação para a conformidade e a obediência, e de uma deformação do conceito de homem, quando, aqui, o que desejamos é o resgate da produção cultural para a crítica, o avanço, a transformação.

A humanidade não resolveu seus mais básicos problemas de aceitação do outro, de reconhecimento das diferenças e de garantia da pluralidade. É contra a injustiça e a desigualdade que marcam a história humana que precisamos direcionar todas as nossas ações educacionais e culturais. Devemos

resistir a um cotidiano presente e a uma história passada de dor e de opressão. A literatura e a poesia podem não ser panacéia, solução, mas como educar os jovens neste contexto? Este é um dos nossos desafios. Trabalhar com leitura e formação, com literatura e poesia, este pode ser o nosso horizonte: humanização, resgate da experiência humana, conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, de expressar-se, criar, mudar.

Trata-se, aqui, da dimensão humanizadora da leitura e da dimensão formadora da escrita, para além do seu carácter instrumental ou de necessidade. Assim, pensamos na leitura e na escrita como experiência, contribuindo para a formação dos sujeitos, humanizando-os, num mundo que vivencia uma atroz des-humanização e perda de valores, o progressivo empobrecimento do diálogo, além de o avanço científico e tecnológico do final do século ter servido para manter mais uma vez a desigualdade, não contribuindo para melhorar as condições de vida da maior parte da população.

A literatura infantil através de frestas

*A literatura desenvolve em nós
a quota de humanidade
(grifo nosso) na medida em que
nos torna mais compreensivos
e abertos para a natureza,
a sociedade, o semelhante.*

Antônio Cândido

No mundo pós-moderno, que textos podem facilitar a humanização do ser e sua inserção na vida social?

Alguns nos responderão que são textos que preparam a criança para conseguir o melhor lugar neste mundo competitivo. Nós diríamos que são aqueles que permitem o

repensar da sociedade em que vivemos. A escola e a família preocupam-se com a construção de conhecimentos, mas não com a visão de mundo. Toda educação é julgada como boa ou má de acordo com sua adaptação à preparação para o mercado de trabalho, mercado competitivo. “O perfil desejado é o do sujeito ambicioso, crítico, criativo, que faz com que todos se mexam à sua volta” (Revista Veja, 14/12/96, p. 117).

“Boa educação” é aquela que ensina os conteúdos adaptados às novas exigências das empresas modernas. Mas sem discutirmos a visão de mundo, a construção do conhecimento perde seu sentido. Não estaremos nos preocupando com o cidadão que é capaz de repensar a sociedade como um todo, mas apenas a sua tarefa como trabalhador.

Se priorizarmos a formação do homem, cidadão, reflexivo, vamos buscar textos em que:

a) autor e leitor compartilham a informação;

b) esteja presente o elemento mágico. O uso singularmente livre da fantasia e da ficção, muitas vezes como forma de verificação ou experimentação da verdade;

c) haja o desencadeamento no leitor de uma rede de conexões semânticas;

d) seja permitida a criação de um tempo supraficcional;

e) ofereça a possibilidade de múltiplas leituras;

f) haja a recorrência do elemento cômico. O riso, o deboche, a alegria e o escárnio como revide aos paradoxos contrapostos pela existência;

g) apareçam personagens movidos muito mais por seus próprios

interesses, pela aproximação afetiva, pelo senso comum, pelos sentidos, pela empáfia, pela visão subjetiva, pela busca da felicidade do que por uma ética geral, pré-estabelecida, racional, abstrata, uniforme, objetiva e impessoal, que pretende determinar, a priori, o certo e o errado;

h) haja o uso livre de personificações, antropomorfizações e a possibilidade da metamorfose;

i) sejam usadas imagens como vãos mágicos, monstros, oxímoros (belas e feras, gordos e magros) etc;

j) o final seja feliz. Este recurso, presente em inúmeras narrativas populares, é considerado por muitos um índice de alienação. Na verdade, esse expediente, utópico por natureza, parece estar enraizado em certas concepções arquetípicas, como as que preconizam a renovação periódica do mundo (o “eterno retorno”). Por este viés, tudo no mundo é fecundado, nasce, cresce, prospera, decai, morre e renasce: da caverna-útero à caverna-túmulo.

k) sejam apresentados personagens transgressores, que enfrentam desafios, destemidos, “fortes”.

A literatura não utilitária está ligada à ficção, à intenção estética e à especulação existencial, apresentando desafios à criança.

A resposta que o homem dá a um desafio não muda só com a realidade com a qual se confronta. (...) No ato de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o

homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige “dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação (...). Pela ação é que o homem se constrói como homem.

(Paulo Freire, 1982)

Como a realidade, para crianças, não tem um esquema ou recortes definidos, possibilita que o mundo simbolicamente trabalhado cativa o leitor pelas imagens e, ao mesmo tempo, cause prazer e facilite sua percepção.

Neste estudo não utilizamos, propositadamente, nenhum método específico de análise acadêmica. Selecionamos textos, desde os quase só agrafos, até os de estrutura e linguagem verbal mais complexos. Escolhemos autores de diversas regiões e estilos, de diferentes editoras, dando preferência a publicações da década de 90 para cá, ou obra que, mesmo tendo sua primeira publicação na década de 80, continua a ser reeditada e lida nos dias atuais.

Nossa preocupação central é com a temática, portanto, escolhemos aquelas que envolvem conflitos que inquietam o ser, em especial o Ser-criança, hoje, e que estabeleçam, mais facilmente, referências à re-significação da vida. Ou seja, buscamos demonstrar que a literatura é uma leitura da vida e que a fantasia, longe de alienar, ajuda a descobrir o real.

Crianças-leitoras exploraram textos que lhes suscitaram reflexões, desde os mais superficiais (em primeiridade), às mais complexas (em terceiridade). A leitura aqui é compreendida como co-autoria, comunhão com o outro, permitindo ao leitor expressar-se diante do texto. Neste sentido, estão abaixo-relacionadas algumas obras dentre muitas, que podem contribuir para a humanização da criança.

LIVRO	AUTOR	TEMA	“A CAVERNA” (sombra)	A LIBERTAÇÃO (luz)
- <i>Um avô e seu neto</i> - <i>Vovô viaja e não sai de casa</i> - <i>Através do espelho</i>	Roseana Murray Sylvia Orthof Jostein Gearder	Morte	Perda ou luto	Valorização da memória afetiva
- <i>Ser menina</i> - <i>Porquês</i> - <i>O menino que brincava de ser</i> - <i>Menino brinca de boneca?</i>	Ângela Leite de Souza e Luiza Pessoa Jandira Mansur Georgina da Costa Martins Marcos Ribeiro	Sexualidade / Relações de gênero	Indicação de preconceitos e estereótipos	Possibilidade de questionar padrões culturais acerca dos papéis distribuídos ao homem e à mulher
- <i>Felicidade</i> - <i>De mãos dadas</i> - <i>Amor inteiro para meio-irmão</i>	Roseana Murray Isabela de C. Barbosa Cristina Agostinho	Relações familiares / separação de pais	Medo do abandono	Superação da dor
- <i>Nós</i> - <i>Zeropéia</i>	Eva Furnari Herbert de Souza	A criança “diferente”	Discriminação social	O respeito à lateridade
- <i>A velhota cambalhota</i> - <i>Pippi Meialonga</i>	Sylvia Orthof Astrid Lindgreen	Transgressão e criatividade	Entraves culturais	Superação de preconceitos
- <i>O rei da rua</i> - <i>Uma palavra só</i>	Jorge Fernando dos Santos Ângela Lago	Disputa de poder / briga/ opressão	Violência	Fraternidade

Quando a leitura permite refazer o processo vivido, sistematizá-lo e melhor compreendê-lo, suavizá-lo, vencendo a dureza da escrita, percebendo as contradições, incoerências e dificuldades existentes, ler significa, aqui, re-escrever,

interferir no processo, deixar-se marcar pelos traços do vivido e da escrita. Re-escrever textos e histórias, ser leitor de textos escritos e da própria história pessoal e coletiva, marcando-a, mudando-a, inscrevendo nela novos sentidos.

Referências Bibliográficas:

- BACHELAR, G. La poétique de la rêverie. Paris: P.U.F., 1965.
- BAKHTIN, M. Estética de La Creación Verbal. Argentina: Siglo Veintiuno, 1982.
- M. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. 2 ed. São Paulo: Brasília: Hucitec, 1993.
- BARIBIER, Bené. Sobre o imaginário. In: Em Aberto. Brasília: ano 14, n. 61, jan/mar, 1994.
- BARROS, Simone. Influência das mídias sobre as crianças. Criança@web. 1998. Disponível em; URB; <http://www.cac.ufpe.br/labvirt/amostra/crianca/links.htm> [capturado em 12 de out. 1999].
- BARTHES, Roland. O prazer do texto. Lisboa: Edições 70, 1993.
- Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BENJAMIN, W. Reflexões: criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
-, W. Obras escolhidas I - magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- W. O narrador. In: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. V. I. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERLO, David. El proceso de la comunicación: introducción a la teoría y la práctica. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 1977.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro-Paz e Terra, 1985.
- Bruno. Uma vida boa para seu filho - pais bons o bastante. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1988.
- HELD, Jacqueline. O imaginário no poder - as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus Editorial, 1980.
- LIMA, Luis Costa. O controle do imaginário. 2 ed. Rio de Janeiro: forense, 1989.
- KOHAN, Walter & KENNEDY, David. Filosofia e infância: possibilidade de um encontro. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MANSUR, Odila Maria F. C. Infância na pós-modernidade: a linguagem como portal do mundo. Itaperuna – RJ: Damadá, 2002.
- MORETTO, Renato & MANSUR, Odila. Educação da Criança. São Paulo: Elevação, 2000.
- ROAZEN, Paul. Freud: pensamento político e social. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória. Leitura e Leituras da Literatura. Por onde começar? São Paulo: PTD, 1988.
- ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Regina C, Ensaios 82. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1987.